



## **O Cuidado Integral: uma análise do papel do terapeuta à luz da Arte de Cuidar e do paradigma transdisciplinar holístico<sup>1</sup>**

Cristiane Almeida de Freitas Guimarães <sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente artigo analisa o papel do terapeuta segundo a Arte de Cuidar dos Antigos Terapeutas de Alexandria e à luz do paradigma transdisciplinar holístico. Utilizou o recurso da análise temática com o intuito de produzir um diálogo entre o paradigma transdisciplinar holístico e o cuidado integral. Compreende-se que o papel do terapeuta na perspectiva adotada no artigo deve ser o de acompanhar outro no caminho rumo a plenitude, estando aberto para uma escuta e um olhar integrais onde admite-se as múltiplas dimensões do ser humano e sua relação com o Todo, o respeito a inteireza humana, partindo de uma ecologia profunda e de um conceito de saúde como um estado de bem-estar psicossomático, social, ambiental e cósmico. Conclui-se que o terapeuta precisa estar aberto a diferentes perspectivas e realidades acompanhando a transição do sujeito de um padrão de normose para a plenitude.

### **Palavras-chave:**

cuidado, transdisciplinaridade, integralidade.

### **Abstract**

This article examines the role of the therapist according to the Ancient Art of Caring Therapists in Alexandria and in light of transdisciplinary holistic paradigm. Used the feature thematic analysis in order to produce a transdisciplinary dialogue between the holistic paradigm and comprehensive care. It is understood that the therapist's role in the perspective adopted in the article should be to follow along the path toward wholeness, being open for a listen and a look integrals where it is assumed the multiple dimensions of the human being and its relation to the whole , respect for human wholeness, starting from a deep ecology and the concept of health as a state of well-being psychosomatic, social, environmental and cosmic. We conclude that the therapist must be open to different perspectives and realities of the subject following the transition from a standard normosis for fullness.

### **Key words:**

Caring, transdisciplinary , integrality.

---

<sup>1</sup> Artigo inédito, apresentado ao Programa em Terapias Naturais Complementares da UNIPAZ-RJ, 2012.

<sup>2</sup> Contato: christianeguimaraes@gmail.com

## Introdução

Nossa sociedade atual apresenta sinais de profundo desligamento com a orientação do desejo interior, onde o mais importante é o que a maioria faz, e não o que o sujeito quer e deseja, onde se coloca de lado e não se questiona o que se quer realmente, o que agrada e satisfaz, há uma dissolução do sujeito na coletividade.

Uma grande parcela de pessoas não se dá conta de que tem orientado toda a sua vida pelos desejos alheios e não os próprios e também para o ter e não para ser. Seguem uma normalidade doentia onde não se questionam mais se aquilo é realmente bom ou não, simplesmente segue o que a maioria faz, trazendo assim sofrimento para o eu que tem que se adequar aquela condição.

Esse silêncio sobre si mesmo dificulta que a pessoa se torne o que é realmente e impede o fluxo evolutivo da vida. Tal silêncio se dá de uma forma automática e inconsciente e segundo Weil (2011; 18) pode ser definido pelo termo “*normose*”:

“A *normose* pode ser considerada como o conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar ou de agir aprovados por um consenso ou pela maioria de pessoas de uma determinada sociedade, que levam a sofrimentos, doenças e mortes.”

Para Crema (2002; 12), a *normose* pode ser considerada uma patologia da normalidade, inerente à realidade humana e exacerbada na sociedade atual, podendo ser caracterizada pelo “conformismo e adaptação a um contexto mórbido em grande escala, e pela estagnação da dinâmica evolutiva”.

Nos momentos de grandes transições, a *normose* toma forma mais forte, pois isso está ligado ao grande apego pelo velho, a oposição ao novo, a mudança de paradigma que assusta as mentes fechadas.

Para conseguir sair dessa *normose* é preciso que o sujeito reencontre o seu

desejo interior, reorienta-se para se tornar um indivíduo que está no caminho de sua plenitude, e muitas vezes, é preciso o acompanhamento de um cuidador, um terapeuta, que o ajude a distinguir seus próprios anseios, calando as vozes e os apelos externos e superando o medo de ser.

Algumas terapias tem o propósito de levar o sujeito a uma habilidade de se relacionar melhor, de terem êxito socialmente, porém isso ainda não chega a finalidade do que é *ser integral*.

A transformação do sujeito no ser integral aponta para um exercício de amadurecimento, libertação e evolução que leve o indivíduo para seu centro, através de um processo que vai ao encontro daquilo que é o anseio mais íntimo e profundo do ser, de se transformar no que realmente se é, para a partir daí ir além, e se unificar ao *Ser*.

O papel do terapeuta nesse contexto de transformações e no apoio aos sujeitos, para que estes sejam capazes de desabrochar, exige um olhar e escuta integrais, exige diálogo entre diferentes tradições, saberes e conhecimentos, exige empatia, simpatia e compreensão do encontro como o grande momento catalisador do potencial de cada sujeito.

Para refletir sobre esse papel, o paradigma transdisciplinar holístico (Weil, Ambrosio, Crema, 1993) desponta como um caminho de estudo, formação e prática, pois admite os diferentes níveis de realidade, as múltiplas dimensões do ser humano e sua relação com o Todo, o respeito a inteireza humana, partindo de uma ecologia profunda e de um conceito de saúde como um estado de bem-estar psicossomático, social, ambiental e cósmico, que é a 'Saúde e Plenitude', tema desenvolvido por Roberto Crema (1995).

A Arte de Cuidar através da Abordagem Transdisciplinar Holística permite

integrar o exercício analítico e sintético, transformando o binário da fragmentação na relação com o outro. Para isso, tanto é importante um exercício integrativo do ser (holopraxis), quanto um estudo aberto aos diferentes saberes, filosofias e ciências (holologia). Nesse sentido, para o exercício terapêutico do cuidar, a holologia seria a parte teórica, de análise, estudo e lógica. E a holopraxis seria a vivência, pela via experiencial sintética e simbólica (Sobrinho, 2010).

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar o papel do terapeuta integral a partir do paradigma transdisciplinar holístico.

## **Metodologia**

O presente trabalho utilizou o recurso da análise temática com o intuito de produzir um diálogo entre o paradigma transdisciplinar holístico e o cuidado integral.

Para tanto, utilizou as seguintes referências bibliográficas Normose (2011), Trilogia do Roberto Crema: Introdução a visão holística (1989), Saúde e Plenitude (1995) e Antigos e Novos Terapeutas (2002), Jean Yves Leloup: Cuidar do Ser (2007), Uma arte de Cuidar (2007); O Novo paradigma holístico (1991) e Rumo a nova transdisciplinaridade (1993), que representam os pilares que sustentam os temas em foco.

Os resultados serão apresentados em dois blocos, sendo o primeiro relacionado ao paradigma transdisciplinar holístico. O segundo refere-se à arte de cuidar à luz do referido paradigma, apontando para uma síntese entre os temas em diálogo.

## **Resultados**

### **1) Paradigma Transdisciplinar Holístico**

O Paradigma Transdisciplinar Holístico surge num movimento em prol de uma nova visão do mundo que está em curso, entende a necessidade de mudar velhas formas de ver e pensar o mundo, superando balizas paradigmáticas assentadas apenas no mecanicismo e na racionalidade. Além disso, aponta para resultados efetivos para sair da crise. Resultados esses que levam a devolução da integralidade do sujeito, enxergando-o como um ser inteiro e não o fragmentando (Crema 1995).

O termo holístico vem originalmente de HOLOS, do grego o TODO, e reaparece num contexto de crise global da consciência humana, fragmentada e degradada do todo. É uma abordagem inclusiva que integra o que é bom no antigo paradigma e o transcende para uma visão integrativa do todo e as partes. Vem como uma tentativa de tratar de forma diferenciada essa crise que vivemos com o paradigma newtoniano-cartesiano, trazendo a reflexão sobre a fragmentação, o reducionismo e o totalismo (Crema, 1995).

Para Wiel, D'Ambrósio e Crema (1993, 38):

“holístico implica uma visão resultante de uma experiência, que, por sua vez, é geralmente o resultado de uma combinação de holopraxis ou prática experiencial com o estudo intelectual, ou hologia, de um enfoque analítico e sintético, de uma mobilização das funções ligadas ao cérebro direito e esquerdo e da sua sinergia, de um equilíbrio entre as quatro funções psíquicas, ou seja, a sensação, o sentimento, a razão e a intuição. Chamamos a essa conjugação de ‘abordagem holística’.”

Então, essa nova visão tem a função de integrar o todo e as partes devolvendo ao sujeito a sua inteireza, trazendo também uma visão do mundo mais inclusivo e integrado, implicando em inter e transdisciplinaridade e em um reencontro das Artes, Filosofias, Ciências e Tradições Espirituais (Sobrinho, 2010).

Para Crema (1995,16):

“Na nova idade somos convocados à inteireza. O ser mutilado, fragmentado na mente, no coração e no existir, será removido para o museu do ontem. Apenas os inteiros estarão preparados para os novos desafios. Por esta razão, o termo-chave é o holístico, proveniente do grego holos que significa inteiro, total.”

Para permitir o desenvolvimento da integralidade do ser apontada pelo movimento holístico, não se pode seguir apenas por uma única via de compreensão, saber e vivência. Nesse sentido, a transdisciplinaridade é um caminho que convoca os diferentes saberes, conhecimentos, filosofias e expressões de arte, como aponta Nicolescu (1999, 53):

“A transdisciplinaridade, como o prefixo ‘trans’ indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.”

A transdisciplinaridade é fundamentada nos princípios de: rigor, abertura e tolerância. O rigor é entendido como a necessidade de construir o conhecimento, da linguagem na argumentação, que baseia-se no conhecimento vivo da transdisciplinaridade, interior e exterior, aprofundando o rigor científico, que une a holologia e a holopraxis, e considera objetos e sujeitos e suas relações. Considerar tudo para formar um saber (Sobrinho, 2010).

A abertura é basicamente a aceitação do extraordinário, do Mistério. A tolerância decorre da percepção de que existem idéias e verdades diferentes e contrárias as da transdisciplinaridade (Nicolescu, 1999).

A transdisciplinaridade preconiza a aproximação entre os campos de conhecimento, entre a teoria e a prática, e o sujeito e o objeto.

A abordagem transdisciplinar holística está baseada em uma visão aberta do todo com sua complexidade, que se refere ao sujeito e sua relação com os Outros, a Natureza e a complexidade do Universo ao qual estamos inseridos. E também se baseia nos diferentes níveis de realidade, a relativa e a absoluta. Existem realidades sutis que os sentidos humanos não percebem e não se pode reduzir o ser e o universo a lógica intelectual, ou ao que é concreto e visível (Sobrinho, 2010).

Sendo assim, o paradigma transdisciplinar holístico, no contexto do cuidado ao outro, convoca ao exercício terapêutico da integralidade por meio do qual se pode caminhar no sentido de abarcar esses diferentes níveis de complexidade primando pelo rigor, abertura e tolerância, sem os quais não se pode ir para entre, além e através das disciplinas.

## **2) Arte de Cuidar**

Os indivíduos tem carecido de um cuidado que os compreenda para além de uma suposta saúde normal. É preciso tocar o interior, local onde pode-se encontrar as insatisfações com a vida, com o caminho que está sendo percorrido, com suas escolhas, que muitas vezes são feitas na ausência de uma busca interior, de uma profunda conscientização de seus reais desejos, de seus reais medos. Nesse contexto, observa-se um domínio da normose de fazer o que a maioria está fazendo, ou do que os pais consideram importante para o sujeito seguir isso ou aquilo, exercer essa ou aquela profissão.

Como possíveis consequências, esse sujeito estará vivendo uma estagnação, que gera a ausência de paz, e impede sua evolução. Como sair dessa normose e se guiar para a trilha interior é o que a Arte de Cuidarnos ensina.

Precisamos nesse novo paradigma do cuidado de um coração que escuta, de forma inclusiva, a razão, a inteligência, o coração e o sopro. E esse papel não está reservado somente para médicos, psicólogos e educadores, uma vez que, há mais de 20 anos, a Organização Mundial de Saúde (OMS –Crema, 2002) tem convocado a todos para se tornarem agentes de saúde, devido a enfermidade que se encontra em todo o planeta.

É preciso que tenhamos políticos terapeutas, artistas terapeutas, sacerdotes terapeutas, psicólogos, médicos e psiquiatras terapeutas, pais e mães de família terapeutas, educadores terapeutas. Todos nós somos chamados a sermos terapeutas, exercendo o papel daquele que é capaz de cuidar do corpo, da psique, e da dimensão noética.

A Arte de Cuidar resgata o modo de cuidar dos Terapeutas de Alexandria (Leloup, 2007), que há mais de dois milênios, já falavam sobre a importância do cuidado integral que o ser humano necessita; a aliança entre o infra-humano e o trans-humano, integrando as funções psíquicas e acolhendo toda a dimensão que é o ser. O olhar e a escuta integral, a empatia, o cuidado com a orientação do desejo, com a interpretação, com as imagens que habitam o ser. O cuidado com a parte luminosa do ser, e o acompanhamento da pessoa em seu caminho para si mesma, rumo ao Ser que nos faz ser. Para que a plenitude que cada um traz dentro de si possa vir a desabrochar neste solo fértil que é proporcionado por esse Cuidado Integral (Leloup, 2007).

Esse cuidado integral começa com o terapeuta que lembra que sua função é



ser um cuidador, o cuidado é a verdadeira essência do ser (Boff, 1999). O terapeuta vai acompanhar o outro em sua trajetória e não curá-lo.

Abase desse acompanhamento é a escuta, que precisa ser aberta e inclusiva, para toda a diversidade e magnitude do milagre humano, para todas as dimensões do humano: persona, sombra, inconsciente familiar, inconsciente simbiótico, inconsciente coletivo, inconsciente cósmico, inconsciente angelical até chegar a dimensão essencial, investigando todas essas camadas até chegar na Essência do que verdadeiramente *somos* (Crema, 1995).

Segundo Sobrinho (2010; 07), “o terapeuta é aquele que disponibiliza seus ouvidos para que o outro possa ser ouvido”.

Podem ser considerados sete níveis da escuta: da natureza, do corpo, do Sopro, da fala dos ditos e os não-ditos, do coração – a escuta do terceiro incluído: do pessoal e do transpessoal, dos sonhos – escutar nossos inconscientes, e finalmente a escuta silenciosa, é a escuta do não saber, ser capaz de não saber (Sobrinho, 2010).

“Tão importante que a escuta, é o olhar do terapeuta deve ser aquele que abençoa, fazendo uma aliança com o bem, o belo e o bom do outro, não olhar só as patologias e as neuroses, olhar também o bom o belo no outro, pois você se torna aquilo para o qual você olha. A porta que você bate é a que vai se abrir” (Crema, 2008)<sup>3</sup>.

Da mesma, forma, identifica-se sete níveis do olhar: o ver, observar, interrogar-se, interpretar, ser capaz de interpretar e dar um sentido àquilo que se apresenta, acolher o sentido, e finalmente ir em direção a si mesmo como sujeito (Sobrinho, 2010).

---

<sup>3</sup>Palestra: Antigos e Novos Terapeutas. 09 e 10/05/2008. Unipaz-RJ.

A empatia é, também, uma característica importante para o terapeuta nesse novo paradigma do cuidado. A empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro, demonstrar a compreensão a respeito dos sentimentos e posições deste. Sentir-se como o outro quando vive uma alegria, tristeza, ou uma raiva como consequência de alguma injustiça. É o verdadeiro sentido do “nós”, onde o eu é capaz de aceitar, receber, e compreender as vivências do outro. (Sobrinho, 2010)

Os Terapeutas de Alexandria falavam também sobre cuidar do desejo. Cuidar do desejo é orientá-lo, pois a doença pode ser compreendida como uma desorientação do desejo. É como se estivéssemos errando o alvo, precisando estar no eixo para estar orientados. Estarmos saudáveis é estarmos o mais próximo de nosso desejo mais profundo. Somente estando centrados em nosso eixo é que nos torna possível ver sentido no que estamos fazendo e sendo. Trata-se também de auxiliar o outro caminhar em direção ao seu próprio e original desejo, não o que seus pais desejaram para ele, não o que deseja a sociedade, mas o que ele realmente deseja, acompanhar o outro no caminho em direção ao seu próprio desejo (Leloup, 2007).

Segundo esta visão dos Terapeutas de Alexandria, o ser humano tem a capacidade de se transformar, de resignificar o que lhe acontece. Nesse sentido, a função do terapeuta é indicar que existem outras formas de interpretar os sintomas e as coisas que nos acontecem, fazendo disso algo novo, mesmo que se trate de uma doença ou até mesmo da morte (Leloup, 2007).

Tal atitude pode ter efeitos verdadeiramente importantes capazes de mudar o rumo do sujeito e até mesmo da doença. É importante acreditar nessa capacidade de transformação dependente da forma como se interpreta os sinais; a visão de um terapeuta ao que acontece ao sujeito pode conduzir ao desespero ou à libertação.

Essa arte de interpretar é também uma arte da benção. A benção de falar algo que não traga mais sofrimento ao sofrimento, mais culpa à dor, exercendo a capacidade de falar uma boa palavra sobre aquilo que estamos sofrendo (Leloup, 2007).

Segundo Crema (2008)<sup>4</sup>:

“O terapeuta também deve conduzir ao despertar para o Ser que nos faz ser, da luz que nos habita, do Eu Sou, pois é ele quem nos cuida e nos cura. Nesse sentido, faz-se necessário cuidar do que é essencial e existencial para que haja possibilidade de expressão e expansão do que é potente no sujeito.”

Essa Arte de Cuidar indica que o cuidado da saúde, não pode se ocupar apenas com a doença, pois é também importante iniciar uma acolhida pelo que está saudável no sujeito para que esse seja o caminho de melhora ou cura do aspecto que não está saudável.

Crema (2011, 106) faz alusão à Graf Durkheim para definir o que seja saúde plena: “condição em que a essência transparece na existência”.

Hoje podemos ver como as pessoas são reduzidas aos seus sintomas ou suas partes específicas. É comum presenciar profissionais de saúde que se esquecem do sujeito, do ser inteiro, fixando-se apenas em uma determinada parte, não vendo mais o semblante do outro.

Na Arte de Cuidar Integral prima-se pelo cuidado do outro que tem uma face, não o reduzindo ao seu sintoma, a sua doença, não fazendo dele um objeto, lembrar-se que ele é muito mais importante do que aquele sintoma (Leloup, 2007).

Ao cuidar de uma pessoa que está passando por uma crise ou uma doença o

---

4 Palestra: Antigos e Novos Terapeutas. 09 e 10/05/2008. Unipaz-RJ.

terapeuta deve fazê-la se lembrar também de que no centro do furacão há o eixo que está imóvel, que está em paz, lembrar dessa tranquilidade que existe no seu interior. O terapeuta pode entrar em contato com seu próprio centro, o Eu Sou, e a partir daí ele pode auxiliar a pessoa que está no meio do seu furacão e ela entrar em contato com seu Eu Sou, e com essa calma que também existe em seu interior (Leloup, 2007).

Conduzir a pessoa a um estado crônico de saúde é a nobre tarefa terapêutica, para que essa saúde seja um terreno fértil para ajudá-lo na travessia do degrau/ponto onde ele ficou paralisado por algum trauma e/ou medo (Crema, 1995).

A principal tarefa do ser humano é se tornar quem ele realmente é. Somente a partir daí ele estará servindo à Vida, a si e aos outros. Há dentro de nós uma força que resiste a esse encontro consigo mesmo, a esse despertar, pois o medo de ser distinto e ser rejeitado paralisa e impede esse encontro com o Self, e esse sono é o que se chama de normose.

Cada um de nós tem uma tarefa a cumprir, algo que só nós podemos fazer nessa existência. E quando se evita esse crescimento estamos na normose que aqui podemos dizer que é aquela “força” que nos traz para o lugar comum de nossas vidas cotidianas, vivendo sem questionar internamente: é esse o meu caminho? é esse o meu desejo? é essa a minha trilha? ou estou trilhando o caminho dos outros, o que os outros me fizeram acreditar que era melhor, ou o mais fácil.

Guiar-se por trilhas conhecidas só vai nos levar ao lugar que outro já foi, não é o caminho original que cada um deve descobrir a partir de si próprio, e somente nesse caminho vamos chegar ao ser humano pleno e sagrado, na dimensão espiritual dentro de cada um (Crema, 1995).

A função do Terapeuta é auxiliar a pessoa a encarnar o seu Eu Sou, se transformando em um ser único que expressa seu dom, despertar o seu sujeito, seu

jeito único de amar, se doar, exercer sua missão, fazer aqui o que só ele pode fazer e mais ninguém. E para ajudar o outro a encontrar seu desejo mais íntimo é preciso olhar, escutar e acolhê-lo em suas aspirações para ajudá-lo no seu reencontro rumo à plenitude. (Crema, 1995).

Nesse sentido, é possível compreender que o estilo dos Terapeutas de Alexandria converge com o paradigma transdisciplinar holístico, pois o mesmo não exclui as diferentes disciplinas e os diferentes campos do saber no processo de entender e desvendar o ser humano.

Precisamos do paradigma transdisciplinar holístico que aponta para os diferentes níveis de realidade, a lógica do terceiro incluído, que tem como princípios o rigor, a tolerância, e a abertura que vão de encontro com o que a Arte de Cuidar indica para o terapeuta: abertura às dimensões e à complexidade do ser humano.

Nesse caminho, o terapeuta precisa ser analítico e sintético, sabendo fazer a aliança das dimensões que fazem parte do ser, dialogando teoria e prática, aberto à relação e ao encontro.

## **Conclusão**

Conclui-se a partir dessa discussão que diante da emergência de um novo paradigma o terapeuta do cuidado seja ele em que instância for, ele precisa estar aberto a diferentes perspectivas e realidades, para ser capaz de ao integrar-se com o outro, produzir novos conhecimentos, levando o sujeito para o encontro consigo mesmo, resgatando a verdadeira essência do ser, caminhando ao lado do sujeito para acompanhar essa travessia e a transição da normose à plenitude.

## Referências bibliográficas

- BOFF, L. *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CREMA, R.; BRANDÃO, M. S. D. *O novo paradigma holístico*. Ciência, filosofia, arte e mística. São Paulo: Summus, 1991.
- CREMA, R. *Saúde e plenitude*. Um caminho para o ser. São Paulo: Summus, 1995.
- CREMA, R. *Introdução à visão holística*. Breve relato de viagem do velho ao novo paradigma. São Paulo: Summus, 1988.
- CREMA, R. *Antigos e novos terapeutas*. Abordagem transdisciplinar em terapia. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CREMA, R.; LELOUP, J.Y.; WEIL, P. *Normose*. A patologia da normalidade. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LELOUP, J. BOFF, L. *Terapeutas do Deserto*. De Fílon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckheim. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LELOUP, J.Y. *Uma arte de cuidar*. Estilo Alexandrino. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LELOUP, J.Y. *Cuidar do ser*. Fílon e os Terapeutas de Alexandria. Petrópolis: Vozes, 2007.
- NICOLESCU, B. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM, 1999.
- SOBRINHO, G. *Arte de cuidar o olhar e a escuta integral do terapeuta*. Unipaz: 2010.
- WEIL, P.; AMBROSIO U. CREMA, R. *Rumo à nova transdisciplinaridade*. Sistemas abertos de conhecimento. São Paulo: Summus, 1993.